

CAMINHAR NA CIDADE PATRIARCAL: MEDOS, AFETOS E TRAUMAS

Hulda Wehmann¹

Maria Eduarda Cavati Medeiros²

Resumo

O caminhar e o gênero feminino possuem múltiplas relações, e mesmo que as mulheres ocupem espaços em diversas áreas da cidade, as questões sociais se encontram com indagações de planejamento urbano, e por muitas vezes dificultam o caminhar feminino. Recorrendo à metodologia de entrevista em profundidade de caráter qualitativo, busca-se iniciar uma discussão que abrange o direito a cidade, as políticas governamentais e as crenças sociais. Objetivando compreender as relações entre os espaços urbanos projetados e o caminhar do gênero feminino.

O estudo nos permitiu compreender quais espaços urbanos vistos como ameaça ou segurança pelas mulheres, além de entender as questões sociais, culturais e históricas que acarretam as problemáticas do caminhar feminino atualmente.

Palavras-chave: Gênero feminino; planejamento urbano; caminhar.

Abstract

Walking and the female gender have multiple relationships, and even though women occupy spaces in different areas of the city, social issues meet with questions from urban planning, and often make it difficult for women to walk. Using an in-depth qualitative interview methodology, we seek to initiate a discussion that encompasses the right to the city, government policies and social beliefs. Aiming to understand the relationship between the urban spaces designed and the walk of the female gender.

The study allowed us to understand which urban spaces are seen as a threat or security by women, in addition to understanding the social, cultural and historical issues that pose the problems of women's journey today.

Keywords: Feminine gender; urban planning; to walk.

¹ Professora Doutora, Universidade Anhembi Morumbi – e-mail: wehmann.hulda@gmail.com

² Discente bolsista do PIBIC/AM da Universidade Anhembi Morumbi – e-mail: Cavatimedeiros@gmail.com

Introdução

Se a cidade é expressão da sociedade que a produz, como se manifestam as desigualdades estruturais de gênero no espaço urbano? Como a imposição de uma dominância masculina repercute no direito à cidade? O presente trabalho almeja contribuir para o entendimento dessas questões a partir da análise das dinâmicas do caminhar feminino pela cidade, e quais os elementos condicionam desta prática de apropriação do espaço coletivo. Como resultado, percebeu-se que a prática é momento de conflito, e pode ser considerada como uma ação política, na definição dada por Rancière (2010, p. 12), pelo encontro entre o que é e o que poderia ser.

O caminhar se apresenta como possibilidade de liberdade, pelo caráter de apropriação sem custos monetários, e pela possibilidade de decisão livre de percursos desejados. Entretanto, essa liberdade almejada é restrita, na esfera urbana, pelos encontros que manifestam estruturas de opressão da liberdade feminina, seja pelo receio de violência urbana ou específica de gênero (assédio ou violência sexual), seja pelo julgamento e validação da mulher caminhante enquanto portadora ou não do padrão desejável socialmente. A escolha da metodologia de pesquisa qualitativa, orientada por princípios da pesquisa qualitativa fenomenológica, permite entender o concreto da situação vivida, além de suas estruturas e experiências em comum (WEHMANN, 2019, p. 155). Objetivou-se, assim, entender por completo como se desenvolve a dinâmica do caminhar, do espaço e da sociedade para diferentes estereótipos de mulheres.

O espaço urbano e as relações com o gênero feminino

O primeiro avanço sobre o direito das mulheres ocorreu na década de 80, em diferentes áreas, como na política, literatura e economia. Mas até então os estudos sobre urbanismo moderno e seu planejamento eram realizados, em sua maioria, por figuras masculinas, brancas e europeias. Tal debate se reafirma quando fica evidente a não inclusão das questões de gênero no desenho da cidade (SEBALHOS, 2018, p. 80).

Por mais que o gênero feminino realize suas atividades por meio do caminhar em todo o território nacional, há espaços na malha urbana que não permitem que essa atividade seja executada com maestria. Ou seja, devido a conjuntura urbana que não consideração das questões de gênero, os espaços muitas vezes se conformam em espaços de opressão mascarada, onde há vivências de pequenas violências diárias, resultando um ciclo de desigualdade, tendo em vista que enquanto os direitos dos homens são garantidos, os direitos das mulheres são negados (SEBALHOS, 2018, p. 84).

O domínio masculino na produção dos espaços urbanos gerou um desenho segregado de acordo com as funções atribuídas aos gêneros, onde a figura masculina é colocada como peça central das dinâmicas urbanas, e a mulher está como secundarista, para servir e por tanto a mercê do sistema. Neste caso podemos entender que o caminhar feminino está diretamente ligado ao papel da mulher perante a sociedade. As funções pré-estabelecidas para o gênero feminino são produto do capitalismo, que “ ... enquanto sistema econômico-social, está necessariamente ligado ao racismo e ao sexismo” (FEDERICI, 2004, p.37), ou seja, tais fatores geraram uma série de cicatrizes urbanas, principalmente atrelados ao conceito de corpo feminino, segundo Silvia:

“O corpo é para as mulheres o que a fábrica é para os homens trabalhadores assalariados: o principal terreno de exploração e resistência, na mesma medida em que o corpo feminino foi apropriado pelo Estado e pelos homens, forçando a funcionar como um meio para a reprodução e a acumulação de trabalho.” (FEDERICI, 2004, p.34).

Decorrente dessa afirmação, o corpo da mulher é visto como público, e juntamente com a falta de estratégias que abrangesse as questões de gênero, o corpo feminino está em constante ameaça de exploração, abusos, violências e assédios.

Análise das problemáticas do corpo feminino e do espaço/território

As entrevistas contaram com a participação de mulheres cisgênero, mulheres pertencentes a classe LGBTQIA+, negras, brancas, idosas, mães, para maior entendimento do caminhar feminino também se fez necessário a entrevista com homens, sendo um homossexual que performa mais feminilidade e um heterossexual que performa mais masculinidade. A partir das respostas, busca-se iniciar uma discussão que abrange o direito a cidade, as políticas governamentais e as crenças sociais, sobre as questões que afetam a realização do caminhar de todo o gênero feminino, objetivando assim, compreender as relações entre os espaços urbanos e o caminhar realizado pelo gênero feminino, por meio da análise do papel da mulher na sociedade.

Os relatos das mulheres e homens entrevistados trazem experiências vividas e carregam a vivência cotidiana, como os abusos e violências físicas e verbais sofridas pelas mulheres, assim como suas motivações para as escolhas de rotas ao caminhar, e quais elementos tendem a ser evitado nesse percurso.

Após a análise, foram sistematizados quatro eixos de compreensão do caminhar feminino: o caminhar como experiência; espaços de medo/insegurança; espaços de afeto/segurança; memórias traumáticas: impedimentos e medos.

O caminhar como experiência

O caminhar como experiência nos demonstra uma ambiguidade entre a liberdade experienciada pelo deslocamento do corpo na cidade, e as condições cerceadoras, reais ou possíveis, que cuidam de repor a caminhante “transgressora” de seu papel social dominado em seu lugar apropriado, definido pela ordem policial de que fala Rancière. Essa ambiguidade se manifesta à medida que as interlocutoras indicam conhecer a existência de ocasiões apropriadas para a atividade, condicionadas por lugares, horários e percursos adequados:

“Mas pra mim caminhar é uma coisa muito ambígua, porque eu gosto muito de caminhar, sou uma pessoa que caminha à toa, às vezes eu decido sair andando por aí e quando eu chegar na esquina sei lá, se eu encontrar uma mulher eu viro pra direita e se eu encontrar um homem eu viro pra esquerda enfim eu pego minhas coisas e saio andando. ”

“Nossa é uma coisa muito louca, tem muitas questões, eu acho que depende do lugar, então depende de quem vai, existem sensações diferentes e geralmente não são sensações positivas”

“Bom, como mulher a pior coisa é você está andando e ter gente mexendo de alguma forma, todo mundo tem essa experiência sendo mulher, em qualquer lugar que você vai, mas em alguns lugares menos. Então eu acho que essa é a pior experiência, você tá andando e se sentir observada de alguma forma e sei lá você acha que você tem alguma coisa errada, e você quer sair daquele lugar o mais rápido possível, quando você percebe que tá sendo de alguma forma observada, e tão sei lá falando alguma coisa pra você e mexendo de alguma forma com a sua individualidade, ou entrando em algum lugar que não era pra ta sendo interferido. ”

“O primeiro sentimento que me vem é um sentimento de incômodo. ”

“Representa um desconforto, mas é um alívio mental quando eu to mexendo no celular me distraindo das coisas. ”

De forma clarificadora, o interlocutor masculino cis e heterossexual não apresentou ambiguidade, mas apenas a percepção de “Liberdade, eu me sinto livre.”

Tornando evidente que todos e quaisquer aspectos ligados a feminilidade, são vistos como vulneráveis diante das dinâmicas do caminhar. Além de nos reafirmar que a cidade pensada por e para homens brancos, heterossexuais, só funciona em sua integridade, para os mesmos.

A partir dessas descobertas, se iniciava a busca para o entendimento do porque esses sentimentos eram tão distintos em alguém totalmente distante da feminilidade, e o porquê desses sentimentos tão ambíguos nas mulheres, e quais espaços urbanos causavam cada tipo de experiência.

Espaços de medo/ insegurança

No eixo espaços de medo/ insegurança, percebeu-se uma convergência grandes nos elementos que negativam a experiência: lugares desertos, centros de cidades, locais com vegetação fechada, locais que provoquem algum tipo de aglomerado masculino e ruas despavimentadas. As justificativas associam aos temores resultados da violência urbana, a receios específicos ao gênero, como assédios, violência sexual.

“Boteco, construção, lugares que tenham muitos homens aí esses lugares já é mais tenso, principalmente boteco. E assim lugares que só fiquem homens na rua também, padaria às vezes não.”

“Se tem uma obra eu não vou passar em frente a obra, vou tentar o máximo possível a não passar em frente a obra... a esquina é sempre um medo porque você vai virar e não sabe o que vai encontrar, então essas viradas a 90 graus são muito abruptas e até você de repente disfarçar, mudar um caminho isso dificulta ...”

“Por exemplo se tem homens, sendo mulher, se tem homens sozinhos, ou se tem só homens, eu fico insegura de passar, por exemplo em uma rua que tem um barzinho e vários homens ali porque você já sabe, sei lá que vão ter olhares vão ter comentários, e aí geralmente eu atravesso a rua passo pro outro lado, então lugares que tem barzinho de calçada, com cadeiras da calçada e um grupos de homens, e sei lá, um homem parado sozinho na rua eu geralmente vou mudar de lugar e ir pro outro lado.”

“Se for muito deserto muito vazio, se não tiver muita coisa que junte pessoas eu sinto que, tenho um pouco de medo de ficar ali nesse local ou nesse trajeto.”

Adicionalmente, formas de violência mais sutis, como o julgamento da pessoa e do corpo feminino a partir das expectativas estéticas impostas sobre as mulheres, de que se manifestem como passivas, obedientes, parcimoniosas, castas, de poucas palavras e sempre ocupadas com suas tarefas (FEDERICI, 2004, p. 203), também são apontados como elementos de desconforto e cerceamento da liberdade.

“O lugar que eu to também, porque agora eu sou a psicóloga da cidade então eu tenho uma função, um papel social e eu preciso andar de uma forma que as pessoas não duvidem da minha capacidade profissional, então assim até a roupa que eu visto as pessoas já me olham tipo “nossa a psicóloga tá usando essa roupa? ”

“Não gosto de usar roupa decotada porque eu sei que as pessoas vão olhar e eu me sinto mal com isso, não que eu não gosto de roupa decotada, eu não gosto de colocar quando eu vou andar né porque as pessoas olhar. Eu não gosto de usar saia, vestido, porque se eu tiver que subir em algum lugar vou me sentir desconfortável, porque as pessoas vão olhar, não gosto de short. ”

“Eu tento usar coisa menos decotada, usar tipo assim uma regata que não mostra tanto o decote, ou que não seja curta, nem saia curta nem short por exemplo, se você for andar em um lugar mais longe, que você vai andar mais, você sabe que vai pegar ônibus por exemplo, que vai ter mais gente, tenta evitar coisas mais chamativas, porque você sabe que vai ter mais olhares. ”

Os fatores estéticos impostos pelos padrões sociais de feminilidade e poder, reafirmam a segregação do espaço, e geram desconforto constante quanto a aparência física e a ótica geral dos demais passantes.

Com isso, e a cidade se torna espaço de representação das normas e manutenção da ordem, com efeitos restritivos evidentes sobre a liberdade, a autonomia e o direito à cidade das mulheres. Essas restrições, por sua vez, contribuem para a redução das manifestações da mulher na pólis, tendo em vista que a convivência no espaço público urbano é determinante para as negociações dos conflitos de toda a comunidade (WEHMANN, 2019, p. 201).

Espaços de afeto/segurança

A maioria das mulheres entrevistadas criaram relações de repulsa aos espaços associados a emoções negativas, por sentirem que naqueles lugares se tornavam alvos para a figura masculina. Em decorrência dessas questões, na mesma medida, desenvolveram relações de afeto positivo com elementos do espaço público, que vistas da ótica feminina, garantem segurança. Espaços e elementos estes como a iluminação, locais de permanência como praças, ruas com movimento moderado e ruas com comércio de bairro:

“Eu acho que quando tem pontos de, por exemplo pontos em que as pessoas gastem seu tempo ali, por exemplo em algum lugar que tenha bancos e tenham pessoas assim juntas ali só passando o tempo, de alguma forma eu sinto que aquele lugar ali é o que seguro pras pessoas ficarem por um tempo, então se tem pessoas ali só curtindo, ou sei lá, só tomando um sorvete na pracinha que tem gente sentada, ou gente conversando, ou tem um grupo ali que tá tranquilo, eu sinto que eu posso transitar facilmente...Se eu, por exemplo, se eu vejo famílias ali, ou um grupo de pessoas da minha idade, ou mais parecidas comigo, eu sinto me sinto assim, não sei, que eu possa transitar ali porque tem pessoas iguais a mim, então é mais tranquilo.”

“A minha reação, pelo menos, quando eu sinto esse desconforto, é sair desse ambiente o mais rápido possível, para ir para uma rua perto de alguma praça que tenha mais gente, que me deixe mais confortável pra sair daquela situação ali de desconforto.”

Fatores como a identificação pessoal trazem segurança as mulheres transitantes, por se sentirem acolhidas e incluídas naquele espaço em questão, trazendo ao local uma conotação de refúgio e acolhimento.

“Que era importante eu ser vista em algum lugar, esse outro bar era como se fosse uma outra luz, porque enfim tinha gente ali e tava tudo bem, aí dava uma corridinha rápida de novo até chegar em uma farmácia que era o último ponto de comércio aberto.”

“Sempre que tem comércio assim vai ser aquele lugar que você entra caso aconteça alguma coisa, padaria alguma coisa assim.”

“Mas isso começou instintivamente, nessa caminhada da rua tô andando aqui e de repente um: oi! E eu percebi que nesses pontos em que eu era vista eu relaxava.”

“Iluminação bem-feita é fundamental, ponto de ônibus em geral acho interessante porque são locais que as pessoas param.”

Esses locais funcionam como ponto de segurança, como se devido as questões socioespaciais ali inseridas, os assédios e abusos não possam ser sofridos, ou possam ser amenizados. Entretanto, como esses espaços são significativamente mais restritos, o caminhar se torna prática muitas vezes evitadas, pela repercussão de experiências agrupadas no quarto eixo, memórias traumáticas: impedimentos e medos:

“Aí coisas que eu sempre considere quando eu vou caminhar é o lugar, aonde eu to indo, porque por mais que as vezes eu faço essas caminhadas meio aleatórias eu tenho um certo medo, então ou eu vou fazer isso no centro, ou eu to perto de um lugar que eu moro, não é uma coisa que eu consiga fazer por lugares completamente desconhecidos porque você nunca sabe, nunca sei quem eu vou encontrar, onde eu vou estar com quem eu vou estar né. Acho que outra coisa que eu considero bastante também é o horário em que eu vou caminhar.”

Memórias traumáticas: impedimentos e medos

Esses medos muitas vezes são desencadeados por experiências vividas, abusos e degradações sofridos, ou até mesmo como reflexo da experiência de terceiras, como evidencia Silvia Federici, ao mencionar que “as práticas atroz e humilhantes a que muitas delas foram submetidas deixaram marca indelével em sua psique coletiva e em seu senso de possibilidades” (FEDERICI, 2004, p.203). Com isso a mulher se tornou refém do espaço criado pelos homens, ficando a mercê de sua cultura, e acabaram por se desenvolver diversos medos do espaço, e sendo impedida associar o caminhar a uma atividade exclusivamente prazerosa, fazendo com a mulher tenha muitas preocupações e ressalvas sobre seu caminhar:

“É mais medo assim na verdade não é nem medo, é tipo assim a preocupação de você esconder a bolsa, de alguém tá chegando perto de você, alguém suspeito, essa é a sensação.”

“Então pela experiência que a gente tem, a gente aplica, porque por exemplo com homens que são padrão hetero que estão em um bar, eles já tiveram esse

comportamento (violento e agressivo) comigo, eu passei e me senti desconfortável pelos olhares comentários, então quando você tem essa experiência você tenta ficar longe da próxima vez pra não passar por isso outra vez. ”

“É uma coisa muito ruim assim, tipo passar na frente de bar de boteco sabe, essas são memórias ruins, e aí comentários. ”

As mulheres limitam seus trajetos, e sua apropriação do espaço, não somente por suas experiências empíricas, mas também nas experiências de outras mulheres. Assim também como a mulher, desenvolve repulsa a locais, e grupos de pessoas, por seus traumas desenvolvidos a partir de suas próprias vivências:

“Tenho medo porque a gente vê [na televisão, na rua] aí pegando as velinhas com 80 anos e estuprando, hoje a gente tem medo de tudo, olhou a gente já tá com medo. ”

Foi possível entender que as relações no qual o caminhar feminino é construído, carrega diferentes pontos de medos, muito por se tratar de um corpo submisso, onde o medo a integridade física se torna maior, e com isso o receio de ser punida por transitar em um local onde não devia, porque ele não foi pensado para ela, e sim para favorecer ele.

“Eu acho que é medo, medo de tudo que pode acontecer assim. Desde roubo, porque óbvio que eu não quero ser assaltada, não quero ter prejuízo, hoje em dia se rouba seu celular você tá lascado né, tá tudo alí, conta de banco, e-mail, enfim. Além de tudo que pode acontecer, esses desdobramentos acho que medo sobre a minha segurança, e até certo ponto eu fico pensando que as coisas estão tão mais loucas, as ganancias estão mais, eu não sei se as violências estão mais cruéis acho que a gente tá tendo mais conhecimento. Então medo sobre minha integridade física em todos os sentidos, desde enfim, desde o que já aconteceu, eu estar andando na rua e um cara simplesmente senti que ele podia passar a mão em mim e passar, e é ok na cabeça dele, alguém me estuprar, ou me matar, ou marcar meu corpo com alguma coisa, então são os medos que vão aumentado né? ”

Algumas das entrevistadas mostraram extremo prazer em caminhar, mas em mesma intensidade, um medo que a consome devido a danos sofridos anteriormente com que fizeram a mudança da relação do caminhar, como um fator único de prazer passando a ser agora uma

atividade ambígua. Importante destacar que o início desse processo de alienação da mulher do espaço público se dá cedo, a partir da fase da pré-adolescência, onde a mulher começa a desenvolver traços marcantes da feminilidade, e o seu corpo passa a ser visto como público:

“A primeira vez que eu lembro de alguém ter mexido comigo na rua eu devia ter uns 14 anos e foi uma coisa muito assustadora porque eu morava naquele bairro desde sempre então todo mundo conhecia meus pais, me conheciam da igreja então um senhorzinho se aproximou e eu achei que ele fosse falar qualquer coisa no sentido de - manda um abraço pra sua mãe, eu nem sei quem ele era na verdade achei que podia ser alguém desse contexto, e ele pegou e falou assim pra mim - nossa você é muito bonita heim, sua danada! Tipo cara eu to andando na rua tava indo comprar pão e achei que você fosse querer mandar um abraço pra minha mãe sei lá e aí você faz isso? Então essa memória voltou muito forte esses tempos. ”

“Acho que eu tinha 14/15 anos, e eu ia todo dia sozinha pra escola, e pra casa assim, algumas vezes com meus irmãos, mas geralmente sozinha porque cada um saía em um horário e a gente tava acostumado a ir sozinho.

Enfim, aí eu tava indo e nisso parou um carro do meu lado pedindo uma informação, eu dei essa informação mas foi muito rápido, e de repente ele saiu do carro com uma arma na minha cabeça me colocando dentro do carro. Foi isso, em um lugar deserto, ninguém viu. Não fizeram nada, aí o cara doido me levou pra um local me fez um monte de perguntas, falou que sempre me via, e depois ele me deixou praticamente no mesmo local que me pegou, só que mais na estrada. ”

Quando questionadas se depois desses ocorridos elas continuaram caminhando com o mesmo prazer, a resposta foi:

“Não, não não! Eu tinha um amigo que estudava comigo, e ele já dirigia e ele me levava e me buscava todo dia, e várias pessoas se mobilizaram a fazer isso, a me levar e me buscar. ”

Algumas das violências sofridas são tão lascivas que geram traumas irrecuperáveis, e fazem com que as mulheres estabeleçam uma série de questões para a realização do caminhar, e principalmente que haja a mudança da dinâmica da prática. As mulheres começaram a seguir regras, para evitar passar por essas violências novamente, e para realizar o caminhar começaram a ter preparações com padrões rigorosos estabelecidos:

“Eu tava indo pra academia com roupa de academia, e eu tava passando e o cara tava passando na de volta, na direção oposta e ele passou por mim e falou “nossa que bucetão”, e eu me senti tão mal, tão mal, que até hoje quando eu uso legging eu cubro e agora pra mim é impensável sair na rua com uma legging e não cobrir a genitália.”

“Foi no centro da cidade, no horário de do pessoal sair do trabalho, assim eu lembro que era um cara de terno e com uma maleta na mão, e ele passou por mim e passou a mão na minha vagina.”

“Eu tento usar coisa menos decotada, usar tipo assim uma regata que não mostra tanto o decote, ou que não seja curta, nem saia curta nem short por exemplo, se você for andar em um lugar mais longe, que você vai andar mais, você sabe que vai pegar ônibus por exemplo, que vai ter mais gente, tenta evitar coisas mais chamativas, porque você sabe que vai ter mais olhares.”

Tais relatos, nos permitiram identificar que a ambiguidade do caminhar feminino, vem com a maturidade física. Onde na infância a rua é um local de lazer, e na pré-adolescência com o desenvolvimento do seu corpo a mulher sofre os primeiros abusos físicos e verbais e o caminhar passa a ser desconfortável e com isso evitado. Na fase adulta, após sofrer e presenciar abusos constantes, a mulher entende seu corpo como objeto de insegurança:

“É como se fosse uma revista tipo eles (os homens) não têm o senso de saber “ah é uma pessoa.”

E a partir disso, adquirem métodos de prevenção, e criam relações de vestimenta, horários, locais, rotas, para que o caminhar seja minimamente desconfortável.

Considerações finais

A realização do estudo nos permitiu evidenciar os espaços urbanos vistos como ameaças e espaços vistos como locais de segurança pelas mulheres, além de entender as questões sociais, culturais e históricas que acarretam as problemáticas do caminhar feminino atualmente. Observa-se que a percepção das restrições impostas por convenções orientadas pelo patriarcado, orientadas como estratégia de manutenção da ordem policial (RANCIÈRE, 2010, p. 16) configuram-se como uma alienação do direito igualitário à cidade.

Referências bibliográficas

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a Bruxa: Mulheres, corpo e acumulação primitiva**. São Paulo: Editora Elefante, 2019.

FEDERICI, Silvia. **Mulheres e a caça as bruxas**. São Paulo: Editora Boitempo, 2019.

FUJISAKA, A. P. **O Familiar cuidador e o processo de fim de vida e morte de seu ente querido: uma compreensão fenomenológica**. 2014. 491 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

GOMES FONSECA, K. Mulheres Caminhantes! Auditoria de Segurança de e Caminhabilidade. **SampaPé**, vl. 01, n 8 - 88, abril, 2018.

GRIECO, Elisabeth P. **O ambiente construído e sua influência na caminhabilidade**. Researchgate, 2020. Disponível em:

<https://www.researchgate.net/publication/341878836_O_ambiente_construido_e_sua_influencia_na_caminhabilidade>. Acesso em: nov. 2020.

HARKOT, Marina. **Como o ambiente construído incentiva mulheres e homens a caminhar de maneira diferente pelas cidades**. LABcidade, 2017. Disponível em: <<http://www.labcidade.fau.usp.br/como-o-ambiente-construido-incentiva-mulheres-e-homens-a-caminhar-de-maneira-diferente-pelas-cidades/>> Acesso em: nov 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE DIREITO URBANÍSTICO (IBDU). **Direito à Cidade: uma visão por gênero**. São Paulo: IBDU, 2017.

LINKE, Clarisse. C; ANDRADE, Victor. **Cidades de pedestres: A caminhabilidade no Brasil e no mundo**. Edições Relicario, 2017.

NASCIMENTO, Adriana. **O caminhar é para todas? Uma abordagem de mulheres latinoamericanas sobre derivas e flâneries na contemporaneidade**. ANPUR, 2019. Disponível em: <<http://anpur.org.br/xviiienganpur/anaisadmin/capapdf.php?reqid=867>>. Acesso em: nov 2020.

NGOZI ADICHIE, C. **Sejamos Todos Feministas**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2015.

NOVAS FERRADÁS, M. **Arquitectura y Género: una Reflexión Teórica**. Catelló: Universitat Jaume I, 2014.

QUEIROGA, E. F. **Dimensões públicas do espaço contemporâneo: resistências e transformações de territórios, paisagens e lugares urbanos brasileiros**. 2012. 284 f. Tese (Livre Docência - Área de Concentração: Paisagem e Ambiente) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

RANCIÈRE, Jacques. **O inconsciente estético**. Tradução de Mônica Costa Netto. - São Paulo: Ed. 34, 2009.

ROLNIK, Raquel. **Guerra dos lugares**: A colonização de terra e moradia na era das finanças. São Paulo: Boitempo Editorial, 2017.

SEBALHOS, C., FLORES, A e COELHO, D (2019). Violência, gênero e urbanismo: Aspectos Da Dominação Masculina Na Organização Das Cidades. **Pixo**, v.3, n. 9, p. 80-91, dez. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/pixo/article/view/17455/10629>. Acesso em: fev 2021.

WEHMANN, H. E. **Habitar a paisagem**: O reconhecimento da experiência estética como direito à cidade. 2019. 285 f. Tese (Programa de pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo) – Área de concentração paisagem e ambiente, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.